

NOSSA OPINIÃO

A RESPEITO DO SHOPPING

A ideia da construção de um shopping center em Tatuí não é privilégio de nenhum político da atualidade. Em 1996, durante a campanha eleitoral, o ex-prefeito Ademir Borssato colocou em seu plano de governo e não concretizou em seus oito anos de desastrado mandato, a construção deste centro de compras no município. O prefeito José Manoel Correa Coelho (Manu) induz a população a discutir um projeto de mudança de zoneamento de Tatuí com a possível construção de um shopping – pasmem – com investimento de R\$ 200 milhões e criação de quatro mil empregos. Quem que não quer investimentos e empregos? É lógico que todos querem. Se esta manobra política não foi para desviar a atenção da Comissão Especial de Inquérito (CEI) da compra das casas para as creches, a localização deste novo “empreendimento”, previsto para a Rodovia SP-127, conflita diretamente com a lógica empregada pelo ex-prefeito Borssato, que ficou milionário com postos e restaurantes em estradas do Brasil.

No entender de Borssato, à época, o novo shopping deveria ser construído ao longo da Rodovia Castello Branco, no município de Tatuí. E dados estatísticos mostram que o empresário tem toda razão. Qual empresário trocaria o movimento da Castello Branco pela SP-127? É só analisar os dados estatísticos da CCRSPVIAS no feriado prolongado do último fim de semana, para perceber que existe um erro de logística no projeto do prefeito Manu. De acordo com a concessionária, o maior movimento foi registrado na Rodovia Castello Branco (SP 280), região dos municípios de Quadra, Cesário Lange, Torre de Pedra, Porangaba, Bofete, Pardinho, Itatinga, Iaras e Águas de Santa Bárbara, com tráfego de 310.938 veículos. Nas Rodovias Antonio Romano Schincariol e Francisco da Silva Pontes (SP 127), entre os municípios de Tatuí e Capão Bonito, o movimento foi apenas de 59.573 veículos, ou seja, 1/5 do movimento da Castello Branco. Com a palavra os economistas de plantão.

NOSSOS ANTEPASSADOS

Na coluna “Tatuí e sua história”, publicada na última edição deste semanário, fizemos questão de colocar em negrito as palavras “**gratuitamente**” e “**honestidade e energia de suas ações**”. E por uma razão muito simples. Nosso País, de norte a sul e de leste a oeste, vive uma crise moral no trato com o dinheiro público. Nunca na história deste País, o Ministério Público trabalhou tanto para colocar os corruptos em seu devido lugar. Na cadeia. Na edição de 1º de junho de 1930, o Jornal de Tathuy, editado pelo jornalista João Padilha – que nos presenteou com todo seu acervo de jornais editados em Tatuí no início do século passado – traz uma curiosa notícia. Com o título “Calçamento”, o semanário “tathuyense” informa que o presidente da Câmara, Firmo Vieira de Camargo, “ofereceu gratuitamente todas as pedras necessárias ao calçamento da cidade”. E conclui: “o sr. Nicolau Sinisgalli, prefeito municipal, que se recommenda pela honestidade e energia de suas ações”. Ao nosso ver, trata-se de grata lembrança de nossa história. Oxalá, o Brasil seja passado a limpo e esta prática saudável de fazer política volte aos dias atuais, quiçá, no futuro breve.

TROVAS

J. R. do Amaral Lincoln

Como a Dilma sai da toca
e já encara o brasileiro?
- Deixou de lado a mandioca
e só come brigadeiro!

Vencer requer luta infinda...
Não há vitória ao covarde
que só diz “é cedo ainda”,
ou só diz “agora é tarde”.

Meu coração pequenino –
quando te vejo – balança,
bate forte como um sino,
na catedral da Esperança!

JORNAL

integração

ASSINE JÁ! 3305.6674

LIGUE

JORNAL

integração

EXPEDIENTE

Integração - o Jornal do Povo Ltda. -
Rua São Bento, 785 - Tatuí/SP - CNPJ: 45.941.838/0001-18

DIRETOR RESPONSÁVEL:
José Reiner Fernandes (Reg. no MTB. Nº 12095)

DIRETOR PROPRIETÁRIO
Renê José Rodrigues Fernandes

REDATORA:
Aideé Maria Rodrigues Fernandes (Reg. no MTB. Nº 16035)

ESPORTES:
Rogério Lisboa (Reg. no MTB. Nº 24727)

FUNDADORES em 24/12/1975:
José Reiner Fernandes, Francisco José Lang
Fernandes de Oliveira,
Roberto Antonio Carlessi, Ivan Gonçalves e
Acassil José de Oliveira Camargo

Propriedade da Empresa
Jornalística Integração - o Jornal do Povo Ltda.
Rua São Bento, 785 - Tatuí/SP - CEP: 18270-820
e-mail: integracao@asseta.com.br
Impresso: A Tribuna de Piracicaba -
Rua Luiz Gama, 144 - Piracicaba/SP

COLUNA DOS LEITORES

DESABAFO

ADMINISTRADOR MUNICIPAL DEVE TER PEITO E CORAGEM

O jornalista Dilceu Vieira, assinante deste semanário, se manifesta nesta coluna com diversos temas que afligem a comunidade, em forma de “desabafo”. Inicialmente, ele pergunta quando iremos ter um Ribeirão do Manduca livre de “politicagem”, canalizado e sem pernilongos que transmitem doenças, como a dengue? Dilceu diz que o administrador municipal precisa ter peito e coragem para realizar a obra, assim como o falecido prefeito Faria Lima, em São Paulo.

A seguir, Dilceu parabeniza a iniciativa de se criar mais uma praça na cidade, no Bairro Fundação Manoel Guedes. Mas questiona se não seria melhor investir em saúde e, por exemplo, criar um outro pronto socorro, tendo em vista que nas proximidades da nova praça já localizam-se outras duas (“Praça do Carroção” e uma pequena praça em frente ao Campo de Futebol).

Dilceu Vieira recorda-se, na sequência, que enviou a este jornal, dias atrás, uma foto do monumento dos expedicionários, situado da “Praça do Barão”, que encontra-se em estado de deterioração. “A redação aproveitou o ‘gancho’ e lembrou a situação de tantos outros em nossa cidade. Será que as autoridades tomaram conhecimento? Parece que não!”, escreve. Sobre as estátuas de maestros instaladas na gestão municipal passada, Dilceu diz que algumas estão precisando de “roupagem nova” e alerta: “é necessário que sejam conservadas, para não serem danificadas pelo tempo”.

Por fim, o jornalista pergunta sobre o nome do campo de futebol do Bairro Fundação Manoel Guedes. “Onde foi parar? Há algum tempo houve reforma, mas a placa parece ter sumido de lá. Por quê?”, questiona Dilceu Vieira.

NOVO CURSO NO SINDICATO

Já estão abertas no Sindicato Rural Patronal de Tatuí as inscrições gratuitas para o curso de Processamento Artenasal de Olerícolas, que irá ocorrer dias 19 e 20 de outubro, com vagas limitadas. Mais informações no Sindicato Rural Patronal, na Rua 11 de Agosto, nº 1.375, ou pelo fone: (15) 3251-4320.

O CUSTO DO PT NO PODER

* Marcos Cintra

O Brasil vive a pior recessão em 25 anos, com o PIB podendo cair mais de 2% em 2015. O vice-presidente da República, Michel Temer, apela por “reunificação do país”, dizendo que a situação é grave porque “há uma crise política se ensaiando e uma crise econômica que precisa ser ajustada”. O ministro da Fazenda, Joaquim Levy, reconhece que a situação fiscal é “séria”. Vale lembrar que no âmbito das finanças públicas o resultado primário consolidado em junho fechou com déficit de R\$9,3 bilhões, o pior da série histórica do Banco Central, iniciada em dezembro de 2001.

A situação crítica do Brasil não para por aí e tende a se agravar. Membros do governo admitem que a gestão Dilma perdeu o controle de sua base de sustentação política. Isso fica claro com a recente debandada do PDT, que se declarou independente, e do PTB, cujo líder afirmou que o partido “não votará mais sistematicamente com o governo”. Em relação ao PT, as investigações da Operação Lava Jato mostram que o partido está atolado até o pescoço nos esquemas de corrupção e seu ex-presidente, José Dirceu, voltou a ser preso pela Polícia Federal. Ou seja, o partido governista, que já tem seu ex-tesoureiro na prisão, tem de novo atrás das grades um de seus principais líderes. Para coroar a situação, o Datafolha divulgou levantamento revelando que a gestão Dilma é classificada como ruim ou péssima por 71% dos brasileiros, a pior avaliação de um presidente da República desde o terrível ano de 1990, quando houve o confisco da poupança e o PIB encolheu 4,3%.

O Brasil está mergulhado em um cenário de incertezas que o PT criou com seu projeto obscuro de poder, suas barbearagens na economia e sua omissão em relação à condução das reformas estruturais. Erros grotescos foram cometidos em setores estratégicos como, por exemplo, o de energia elétrica. Avanços no campo das finanças públicas, obtido a duras penas, como o regime de superávit primário, foram perdidos com a negligência que tomou conta da política orçamentária. Na gestão governamental o aparelhamento político ditou as regras na administração direta e nas estatais, contribuindo para ampliar a corrupção endêmica que assola o País. Além disso, houve o exacerbado intervencionismo estatal, proposto na campanha de 2010 para acelerar o crescimento econômico, e que se efetivou toscamente com forte viés ideológico, e seu efeito foi a elevação do risco para o empreendedor e a redução da expansão média do PIB de 4,5% entre 2004 e 2010 para apenas 1,6% entre 2011 e 2014.

Vivemos uma situação extremamente preocupante que se configura como uma das maiores crises da história brasileira. Isso acontece com um governo recém-empossado, que por pouco não foi desalojado do poder nas últimas eleições, e cuja capacidade de gestão se deteriorou muito rapidamente. Na prática, a administração do PT acabou, mas preocupa muito o fato do governo ainda ter mais três anos pela frente. O País está desorientado, sem rumo, e não há perspectiva que o quadro mude.

O Brasil não pode seguir sangrando por tanto tempo. Por conta disso, aos poucos ganha força uma alternativa que alguns julgam ser a menos dolorosa para o país que seria o afastamento definitivo de Dilma da presidência. O fato é que, qualquer que seja a saída, o modo petista de governar nos levou à atual situação e sair dela vai impor um custo social extremamente elevado para colocar novamente a economia nos trilhos e a casa em ordem.

* Marcos Cintra é doutor em Economia pela Universidade de Harvard (EUA) e professor titular de Economia na FGV (Fundação Getúlio Vargas). Foi deputado federal (1999-2003) e autor do projeto do Imposto Único.

AS LÁGRIMAS DO ATOR POLÍTICO

*GAUDENCIO TORQUATO

As lágrimas do comediante, disse um dia Diderot, escorrem de seu cérebro; as do homem sensível jorram de seu coração. Na política, também é assim. Políticos e governantes, como os atores, vivem de representações. E criam projeções que passam a se confundir com os personagens que representam. Poucos, muito poucos, podem dizer que o “eu” e o “ele” são a mesma coisa. Alguns construíram seus perfis sobre um conceito negativo que, de tanto lapidado e moldado às circunstâncias, passou a ser aceito pelos cidadãos. É, por exemplo, o caso do “rouba, mas faz”. Muitos estendem o ciclo de vida política graças à caricatura que moldaram. É o caso de políticos com o carimbo de “obreiros, estradeiros, fazedores, desenvolvimentistas”.

Até os dias de hoje, os comediantes impressionam seus públicos não por serem furiosos, mas por representarem muito bem o furor. O ciclo dos histriões que, com o embalo da dor, comovem as plateias, está chegando ao fim. A cidadania se expande em todos os espaços da pirâmide, trazendo em seu bojo uma carga de conscientização política, que inclui a capacidade das pessoas de distinguir a verdade de versões, a falácia de fatos. A máscara começa a ser retirada dos atores políticos por grupos que absorvem o escopo ético e moral. O espaço para o engodo se estreita sob uma nova ordem ética, construída ao lado dos vergonhosos escândalos que abalam os pilares da nossa frágil democracia. O avanço racional da sociedade começa a se distanciar dos perfis ficcionais e de um nacional-populismo que, entre nós, teima em fincar raízes desde os tempos de Vargas, prosseguindo na combinação do desenvolvimentismo com política de massas de Kubitschek, no trabalhismo de Goulart, na índole nacionalista de Jânio, na era autoritária-populista-esportiva de Médici, no olimpismo-aventureiro de Collor até o palanque demagógico de Lula, cuja continuidade descambou no tecnicismo misturado com o colchão social arrumado por Dilma. São traços ligeiros do *ethos* populista dos nossos governantes.

Adhemar de Barros, ícone do populismo paulista, deixou de seu Governo a marca do “rouba, mas faz”, que, mais tarde, viria a ser colada a Paulo Maluf, cujo perfil se associou ao obreirismo farafônico, tão característico que lhe emprestou um slogan muito clonado nas campanhas eleitorais: “fulano fez, fulano faz”.

O populismo do passado se agarrava às emoções das massas e nas grandes mobilizações sociais. A onda massiva na contemporaneidade alcançou o clímax com Luiz Inácio Lula da Silva, um mestre na combinação de signos. Pobre, retirante nordestino, metalúrgico, com um simples curso primário, voz rouca, atarracado, passou a usar um verbo metafórico do gosto das massas. Chegou ao centro do poder e ao assento maior da República, o de presidente, na demonstração muito badalada por ele de que qualquer brasileiro pode vir a ser o chefe da Nação. Virou ídolo. Conseguiu o feito que nem Getúlio alcançou: ser opositor a ele mesmo. Como? Usando artimanhas de palanque: como presidente, parecia muitas vezes um combatente ao governo que ele mesmo comandava. A verve e o verbo exaltado do opositorista escondiam as verbas que faltavam às regiões. Um exímio ator.

Hoje, Lula não consegue arregimentar multidões. Tem ainda uma boa audiência para ouvir seu palavrório. Mas as massas não parecem dispostas à mistificação. A vacina ética entra nas veias sociais. O engodo chegou a tal ponto, nos últimos anos, que começa a despertar desconfiança. Quem imaginaria o boneco Pixuleco (imitação de Lula) desfilando pelas ruas do país? Grupos tomam o lugar das massas, na demonstração de que o vigor crítico dos cidadãos se expande. A mídia assopra brasa na grande fogueira dos escândalos e este último, o Lava Jato, chama a atenção do mais distante brasileiro por seus efeitos devastadores. Os espectadores da cena política não querem se entregar às ilusões, preferindo exercer sua indignação, desmistificar o jogo dos atores e denunciar a encenação dos personagens. A conclusão é patente: a política feita por alguns atores não tem melhorado a vida das pessoas. As crises se escancaram: a economia aperta o bolso dos contribuintes; a política é um mar de lama; a crise solapa os valores morais; começa a faltar água nas torneiras e daqui a pouco poderá haver escuridão com um apagão energético.

Multiplica-se a violência, os serviços públicos se deterioram, o desemprego grassa, os hospitais estão sucateados, os remédios custam caro e a vida se torna insuportável. A classe emergente, a C, tem regressar aos espaços carentes da classe D, de onde veio. Os cidadãos seguram o grito preso na garganta: “chega. Chega de mentiras, de encenação, de rapinagem, de brincar com a nossa vontade. Queremos um novo tipo político. Que chore com o coração e não com o cérebro”.

A insatisfação atinge as alturas. O sentimento de revolta acaba oxigenando a democracia. Afinal de contas, como lembrava John Stuart Mill, em Considerações sobre o Governo Representativo, há duas espécies de cidadãos: os ativos e os passivos. Os governantes preferem os segundos - pois é mais fácil dominar súditos dóceis ou indiferentes - mas a democracia necessita dos primeiros. Numa sociedade passiva, os súditos serão transformados em ovelhas dedicadas tão somente a pastar capim uma ao lado da outra e a não reclamar nem mesmo quando o capim está escasso.

Viva! O povo começa a perceber quando as lágrimas saem do cérebro ou do coração dos nossos comediantes políticos. Não quer mais pagar tributo por um expressionismo cênico, caricatural, grotesco, mímico, que tem feito da vida pública um palco de sentimentos falsos, forçados ou fabricados, e da representação política um altar de gloriificação pessoal.

Gaudêncio Torquato, jornalista, professor titular da USP é consultor político e de comunicação. Twitter: @gaudtorquato

ANUNCIE AQUI

3305.6674

comercial@jornalintegracao.com.br